



PRESEÇA KARAJÁ:

IDENTIFICAÇÃO, PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DE COLEÇÕES E DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Manuelina Maria Duarte Cândido (UFG)*

Nei Clara de Lima (UFG)*

Resumo: Apresentaremos o projeto de pesquisa **Presença karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais**, que possui entre seus objetivos mapear, identificar e analisar coleções de bonecas karajá (*ritxoko*) presentes em coleções de museus brasileiros e estrangeiros com vistas a reconstituir a trajetória de formação das coleções, os contatos entre pesquisadores/instituições e grupos indígenas karajá, bem como estudar adornos corporais e indumentárias das bonecas.

Em seu desenvolvimento realizará o cotejamento entre os objetos e sua documentação museológica, contribuindo, sempre que possível, com as instituições museológicas no aprimoramento das informações registradas.

Além disso, irá contribuir para a difusão das coleções de bonecas karajá presentes em museus no Brasil e no exterior, estimulando o desenvolvimento de novas pesquisas e de projetos de comunicação museológica (exposições e ação educativo-cultural) a partir delas.

Consideramos que este projeto contribui para o alcance de objetivos da Recomendação sobre a Proteção e Promoção de Museus e Coleções, documento da UNESCO de 2015, pois realça coleções por vezes secundarizadas em seus museus de origem e retoma algumas que não foram ainda devidamente estudadas, produzindo conhecimento que poderá fundamentar exposições, ações educativas e outras formas de extroversão das coleções, afora ajudar a perceber, para além da escala local, o interesse patrimonializador sobre estas expressões materiais da identidade karajá.

Palavras-chave: Cultura material; Karajá; *ritxoko*; coleções



3^o sebra mus

Abstract: We will present the research project **Presença karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais** (karajá presence: material culture, plots and colonial transits), that has between its goals mapping, identifying and analyzing karajá dolls (*ritxoko*) collections in Brazilian and foreign museums with views to reconstitute the formation trajectory of the collections, the contacts between researchers/ institutions and karajá indigenous groups, as well as studying body adornments and clothing of the dolls.

In its development it will realize the collation between the objects and its museological documentation, contributing, whenever possible, with the museological institution with the improvement of the information recorded.

Besides that, it will contribute for the diffusion of the karajá doll's collections presents in museums on Brazil and abroad, stimulating the development of new researches and museological communication projects (exhibitions and educational-cultural actions) from them.

We consider that this project contributes for the achievement of objectives of the Recommendation about Protection and Promotion of Museums and Collections, document from UNESCO of 2015, because highlights collections that are often seen as secondary in their source museums and takes over some ones that have not been yet properly studied, producing knowledge that could substantiate exhibitions, educational actions and other ways of extortions of the collections, apart from helping to perceive for beyond the local scale, the patrimonialising interest about those material expressions of the karajá identity.

Keywords: Material culture; Karajá; *ritxoko*; collections



3º sebra mus

Introdução:

Apresentamos aqui resultados preliminares do projeto de pesquisa “**Presença karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais**”¹, em especial relevando suas potencialidades para a promoção de coleções e do patrimônio imaterial a elas relacionado.

O objeto da pesquisa interdisciplinar é o mapeamento, identificação e análise de coleções de bonecas cerâmicas Karajá (*ritxoko*) presentes em acervos de museus brasileiros e estrangeiros. Ela se baseia, em alguma medida, no trabalho de campo que fundamentou o dossiê intitulado *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia*. Ao final do trabalho, realizado entre 2008 a 2011², o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) aprovou a inscrição das bonecas de cerâmica em dois Livros de Registro do Patrimônio Imaterial 1) *Saberes e práticas associados aos modos de fazer bonecas Karajá* e 2) *Ritxoko – expressão artística e cosmológica do povo Karajá*. Ao mesmo tempo, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA-UFG), que já possui centenas de peças identificadas como *ritxoko*, reuniu, no processo de pesquisa para elaboração do dossiê, mais uma coleção, que será incorporada ao acervo, configurando uma rica relação entre coleção e patrimônio imaterial.

Nossos objetivos são percorrer a biografia dos objetos a partir do estudo da trajetória das bonecas desde a produção e uso nas aldeias à formação de coleções em museus, mapeando em que instituições elas estão presentes, no Brasil e no exterior, os contatos entre pesquisadores/instituições e grupos indígenas Karajá, além de estudar adornos corporais e indumentárias das bonecas.

¹ Este projeto está sediado na Universidade Federal de Goiás (UFG) e conta com o apoio do Museu Antropológico, do Núcleo de Estudo de Antropologia, Patrimônio, Memória e Expressões Museais (NEAP) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER). Integram sua equipe pesquisadoras e estudantes de diferentes cursos da UFG, da Escola de Ciência da Informação da UFG e da Universidade de Évora, Portugal.

² A pesquisa foi realizada nas aldeias Buridina e Bdè-Burè, em Aruanã, Goiás e Santa Isabel do Morro e aldeias adjacentes, na Ilha do Bananal, no estado de Tocantins, com as ceramistas Karajá. Atualmente, parte da equipe está envolvida com as ações de salvaguarda do bem cultural registrado, como apresentaremos a seguir.

Já temos conhecimento de sua presença em pelo menos uma dezena de museus brasileiros³:

- Museu Antropológico da UFG, Goiânia – GO;
- Centro Cultural Jesco Puttkamer, Goiânia – GO;
- Museu Goiano Zoroastro Artiaga, Goiânia – GO;
- Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR;
- Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues (MARQUE/UFSC), Florianópolis – SC;
- Pavilhão das Culturas Brasileiras - Secretaria Municipal *de Cultura* – São Paulo SP;
- Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – São Paulo SP;
- Museu Paraense Emílio Goeldi – Belém, PA;
- Centro de Arte Popular da CEMIG – Belo Horizonte, MG
- Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – Rio de Janeiro, RJ;
- Museu do Índio – Rio de Janeiro, RJ;
- Museu Nacional – Rio de Janeiro, RJ.

E nos seguintes museus estrangeiros:

- Museu Nacional de Etnologia – Lisboa, Portugal;
- Museu do Quai Branly – Paris, França;
- Museu de Etnologia de Viena – Viena, Áustria;
- Museu de Etnologia de Basel, Suíça;
- Museu Nacional Pigorini de Pré-História e Etnografia – Roma, Itália;
- Grassi Museum (Museu Etnográfico de Leipzig) – Alemanha;

³ Dados de quando o artigo foi submetido, em meados de 2017. No final do ano, ao revisar o artigo, optamos por não enumerar uma a uma as novas descobertas, que elevam o número de museus no Brasil e no exterior a 48 instituições, em 12 países.



- Museu de Etnologia de Berlim – Alemanha;
- Museu de História Natural, Nova Iorque, Estados Unidos;
- Smithsonian Institution, Washington, Estados Unidos.

Compreendemos que os produtos decorrentes de uma pesquisa desta natureza, como artigos científicos, apresentações em eventos de diversas áreas e a publicação de pelo menos um livro com os resultados, são estratégias de promoção das coleções, estimulando novas pesquisas e a realização de exposições, dando visibilidade ao mesmo tempo às coleções de artefatos já musealizados mas também ao saber-fazer dos grupos indígenas que ainda produzem e comercializam as *ritxoko*. Em termos de proteção, o projeto, mesmo em fase inicial, já tem colaborado com a revisão da documentação museológica das coleções e irá realizar registro fotográfico de coleções ainda não fotografadas, além de redirecionar o olhar de museus em que elas possam estar secundarizadas, chamando a atenção para sua relevância e potenciais. Por outro lado, podemos em contatos com os grupos detentores deste patrimônio imaterial, intermediar diálogos com as instituições e suas demandas em relação à gestão das coleções nos referidos museus.

Confecção, uso e comercialização das *ritxoko*

Essas bonecas foram originalmente confeccionadas para serem brinquedos de meninas, e por meio delas, as mulheres ensinam às novas gerações os modos de ser Karajá, representados nas figurações do brinquedo: as diferenças de gênero, de classes de idade e o cotidiano do trabalho, os rituais, as narrativas míticas e os seres sobrenaturais. Feitas inicialmente de cera de abelha ou de argila crua⁴, seca apenas pela ação do tempo, as bonecas karajá hoje são confeccionadas em argila cozida, o que transforma esta matéria-prima em cerâmica. São *ritxoko* as bonecas de cerâmica antropomorfas e *iroduxumo* as zoomorfas, havendo ainda as *kawa kawa*, de madeira.

⁴ Bonecas do tempo antigo, denominadas *hakana ritxoko*. As de hoje são chamadas *wijina bedè ritxoko* (LIMA et al, 2011)



3º sebra MUS

Quando de fala *ritxoko* já está subentendido que se tratam de bonecas figurativas antropomorfas em cerâmica. As ceramistas mulheres são as responsáveis por sua produção e pela das *iroduxumo*. As peças *kawa kawa* são feitas preferencialmente, mas não exclusivamente, por homens.

Pelo menos desde o final do século XIX, as *ritxoko*, juntamente com outros artefatos karajá, passaram a ser coletadas e levadas para acervos de museus, como o processo que foi realizado nos anos 1930 por Claude Lévi-Strauss, recolhendo para o Museu do Homem de Paris o conjunto hoje pertencente ao Museu do Quai Branly. A partir de meados do século XX, elas passaram a ser fonte de renda das famílias, pois entraram no circuito comercial de lojistas de artesanato, colecionadores privados e de museus e outros interessados. Um dos resultados do seu registro como patrimônio imaterial brasileiro é a recente valorização monetária das bonecas como mercadoria.

A presença de exemplares dessas bonecas em vários museus pelo mundo significa que, de alguma forma, eram também comercializadas ou trocadas por bens industrializados com colecionadores e pesquisadores que visitavam as aldeias e passaram a inseri-las no mercado de bens artesanais: colecionadores, lojistas, pesquisadores ligados ou não a museus, por meio de atravessadores, ou diretamente nas aldeias, encomendavam e adquiriam as bonecas, fazendo com que as ceramistas encontrassem na venda das *ritxoko* uma fonte de renda para a aquisição de bens dos *torí* (como denominam os brancos, os não-índios): as ceramistas também afirmam que o dinheiro adquirido com a venda das bonecas serve, entre outras coisas, “para comprar comida de *torí*, que é a comida que as crianças gostam”. Ou seja, a motivação de sua existência derivada das crianças é sempre reiterada.

Da relação dos Karajá com segmentos da sociedade nacional podemos entrever muitas e complexas trocas, como as decorrentes da entrada de dinheiro nas aldeias, com a aquisição de vários bens, vestimentas, aparelhos elétrico-eletrônicos e alimentos industrializados. Podemos também perceber as mudanças que esses produtos provocam nas aldeias. Estas questões foram observadas em muitas situações no campo, que mostravam o quanto a produção das bonecas dava autonomia às ceramistas para o acesso aos bens da



3º sebra mus

sociedade envolvente, muito mais do que a produção de outros objetos artesanais feitos por elas.

Toda a complexa e longa produção da boneca – desde a coleta e preparo do barro, a queima do antiplástico e a modelagem das peças, as duas queimas, a decoração – era transformada em dinheiro e em bens consumidos por toda a família (alimentos, roupas, remédios, brinquedos). Para se referir ao potencial econômico da produção de bonecas pelas ceramistas Karajá, Mahuederu, da aldeia Santa Isabel do Morro, na ilha do Bananal, diz: “*Ritxoko* não é brincadeira não, *ritxoko* é ouro!”

No que tange aos contatos da população Karajá com a sociedade nacional (ou sociedade abrangente), precisamos nos aprofundar para conhecer a maneira como as coleções foram formadas: por quais pessoas e instituições, quais os interesses que determinaram a formação das coleções, qual a época da coleta, como as bonecas foram (e se foram) documentadas ou expostas, entre outros temas. Com essas informações será possível levantar pequenas biografias dos objetos colecionados, das instituições e das ideias que motivaram a constituição das coleções, a fim de poder elaborar reflexões sobre os trânsitos coloniais experimentados por esses objetos.

De acordo com Resende:

“Os primeiros registros de contato com o povo Karajá foram realizados no tempo das frentes de expansão no séc. XVII e depois no período das bandeiras paulistas, no século seguinte. A intensificação do contato ocorre a partir das políticas de navegação do General Couto de Magalhães e da fundação da cidade de Leopoldina em 1859 e em seguida, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910, transformado posteriormente, na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que tinha por finalidade o implemento de políticas indigenistas e da criação de pólos de atração e integração de povos indígenas à sociedade não-indígena. Algumas das ações desenvolvidas nesse sentido, diziam respeito à introdução do manejo do gado e do cultivo do arroz. Entre o período do governo dos presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitscheck, respectivamente nas décadas de 40 e 60, foi criada a política de “desenvolvimento” da região centro-norte do país, que ficou conhecida como Marcha para o Oeste. Dentre os povos nativos da região, os Karajá simbolizaram a tentativa de integração do governo. Na época foi construído um hotel de turismo na Aldeia Santa



3º sebra mus

Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, sendo tal ação designada pela Fundação Brasil Central. A partir de então a visita de turistas foi intensificada.” (RESENDE, 2014, 21-22)

As referências às bonecas Karajá aparecem desde os primeiros contatos com etnógrafos, conforme afirmação de Whan:

“O alemão Paul Erhenreich, que esteve na região do Araguaia no ano de 1888, foi responsável pelo primeiro estudo sistemático sobre o povo e a cultura Karajá (1948), tendo coletado muitos exemplares de “likoko” (...) e outros artigos de sua cultura material.

Também Fritz Krause esteve entre os Karajá em 1908, durante a Expedição ao Araguaia de Leipzig, ocasião em que estudou aspectos de sua organização social, seus costumes, e cultura material. Reuniu e registrou muitos exemplares de “bonecas de argila e cera”, que foram levados ao Museu de Etnologia de Leipzig, na Alemanha.” (WHAN, 2010, p. 02)

Percursos da pesquisa

Ao elaborar o projeto de pesquisa interdisciplinar “*Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais*”⁵, o interesse em investigar a função/utilidade das peças nas aldeias, a formação das coleções, os contatos das instituições patrimoniais com os grupos indígenas, os processos que levaram bonecas karajá, a se tornarem um bem simbólico mundializado presente nos museus brasileiros e estrangeiros, juntou-se a outros, como a

⁵ A equipe é formada hoje por 18 pesquisadores, dos quais registramos aqui os integrantes no momento da escrita do artigo:

Profa. Dra. Nei Clara de Lima (Antropóloga, Professora aposentada da FCS/UFG e ex-Diretora do Museu Antropológico da UFG)

Profa. Dra. Manuelina Maria Duarte Cândido (Curso de Museologia, FCS/UFG)

Profa. Dra. Ema Cláudia Ribeiro Pires (Profa. Auxiliar no Departamento de Sociologia, Universidade de Évora)

Profa. Dra. Rita Andrade (Curso de *Design* de Moda, FAV/UFG)

Dibexia Karajá – Ceramista e Discente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFG

Milena de Souza (Discente de Museologia FCS/UFG)

Indyanelle Marçal Garcia di Calaça (Mestranda em Arte e Cultura Visual FAV/UFG)

Rejane de Lima Cordeiro (Discente de Museologia FCS/UFG)

Vinicius Santos da Silva (Discente de Museologia da UFMG em intercâmbio na Universidade de Évora)

Ana Cristina Santoro (Conservadora e Restauradora de Bens Culturais - Museu Antropológico/UFG)

Markus Garscha (Fotógrafo)

investigação das indumentárias e dos adornos corporais das bonecas constituídos por incisões, pinturas, adição de fios, de entrecasca de árvores e de outros materiais. Pretendemos com ele investigar as complexas “redes de agentes em contínua e dinâmica interação, formadas pelas ceramistas, pelos compradores e, principalmente, pelos próprios objetos, na sua materialidade” (WHAN, 2010, p. 03 e 04), incluindo aí os próprios pesquisadores e instituições ligadas ao patrimônio que contribuem para ressignificação e difusão das bonecas como patrimônio cultural.

Nossa metodologia envolve levantamento bibliográfico e em diversas fontes como catálogos, *sites* e bancos de dados de museus; checagem da documentação museológica das bonecas, contribuindo com o museu, quando possível, para cotejamento e complementação de informações em interlocução com as próprias ceramistas; realização do registro fotográfico de coleções que ainda não o possuem; descrição e análise das bonecas com vistas à identificação de singularidades em sua indumentária (incluídos aí adornos e pinturas corporais); elaboração de biografias dos conjuntos de artefatos que tracem seus percursos da aldeia aos museus, buscando identificar os sujeitos e os processos envolvidos na circulação de saberes sobre as bonecas karajá; elaboração de artigos e outras publicações para promover as coleções, estimulando novas pesquisas e exposições.

O projeto ainda está sendo iniciado e não conta com recursos financeiros, por esta razão, em virtude da facilidade logística, tem priorizado os acervos e instituições existentes em Goiânia, além do Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, e mesmo assim dentro das possibilidades e limitações do trabalho voluntário. No último caso, conta com os integrantes da equipe residentes em Portugal. Apesar da ausência de recursos financeiros próprios, já foi possível um profícuo encontro com o setor de América do Museu do Quai Branly, onde foram coletadas informações e fotografias (apenas frontais) das 114 peças em sua coleção com os critérios indicados: bonecas karajá antropomorfas em cerâmica.

Em relação a esta instituição, a equipe do projeto, com auxílio de Rafael Andrade, mestre em Antropologia, fez uma revisão do material de documentação museológica cedido pela instituição, que está sendo preparado para devolução ao curador, sugerindo algumas

informações complementares e correções especialmente em atribuição de gênero às bonecas (*poupée femme* ou *poupée homme*) e toponímia dos locais de coleta, mas também da reclassificação de um artefato tido como *ritxoko* que não o é (trata-se de um objeto ritual utilizado para a realização de feitiço). Assim, o quantitativo dessa coleção cai para 113 peças.

O Museu Nacional de Etnologia (Lisboa, Portugal), possui uma reserva visitável denominada “Galerias da Amazônia”, em que se encontram diversas *ritxoko* com características das bonecas antigas: pequeno formato e cabelos elaborados em cera. Por meio de consulta ao banco de dados MatrizNet⁶ soubemos da presença de 123 bonecas karajá no acervo. Integrantes do projeto têm feito visitas sistemáticas desde março de 2017 para alcance dos objetivos da pesquisa. No momento, a equipe se debruça sobre uma planilha em que organiza os seguintes dados sobre cada peça: número de inventário, tipologia, representação, origem, matéria-prima, autoria, forma de aquisição e *link* para o inventário daquela peça.

No Museu Antropológico da UFG obtivemos informação inicial de um total de 865 bonecas karajá no acervo, sendo 810 na Reserva Técnica Etnográfica e 55 na exposição de Longa Duração *Lavras e Louvores*. Ao longo de algumas semanas, em virtude da ausência de uma base de dados que permitisse buscas rápidas, trabalhamos com a documentação museológica para distinguir as coleções formadas pelo professor Acary de Passos Oliveira (fundador do museu e seu diretor até 1983) e pela profa. Edna Luísa de Melo Taveira (museóloga e também ex-diretora), com o objetivo de priorizar a coleção desta pesquisadora, visto a professora ter colaborado como informante da pesquisa. Em paralelo, conseguimos agendar e realizar uma visita à professora em que obtivemos preciosas informações e mais material para a pesquisa, que será detalhado mais adiante.

⁶ O MatrizNet é o catálogo *on-line* dos Museus do Estado Português, pertencentes à Direção-Geral do Patrimônio Cultural (<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Home.aspx>).



Presença Karajá no Museu Antropológico da UFG

O Museu Antropológico foi criado em junho de 1969 e inaugurado em 5 de setembro de 1970. Em seu sítio na *internet*, apresenta-se como uma instituição sem fins lucrativos, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. É um órgão complementar da UFG vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI).

Sua criação está ligada ao então Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) da UFG, vinculado ao antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), atual Faculdade de Ciências Sociais (FCS), quando no âmbito de uma pesquisa no Parque Indígena do Xingu, por iniciativa dos professores que participaram de uma viagem de estudos, é formado o acervo da primeira coleção etnográfica. Integraram esta viagem os professores Acary de Passos, Vivaldo Vieira da Silva, Antônio Theodoro da Silva Neiva e o Pe. José Pereira de Maria, todos já falecidos. No relatório dessa viagem os professores sugeriram “um plano de pesquisa com o objetivo de estudar as populações do Xingu e criar um museu antropológico na UFG”⁷.

Os Karajá habitam o vale do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, somando cerca de 3.000 indivíduos, a maior parte vivendo na aldeia Hawalò, ou Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal (TO). Nesta localidade, segundo a FUNASA, encontram-se em torno de 670 habitantes (RESENDE, 2014, p. 21).

A “presença Karajá” no Museu Antropológico da UFG não se resume às *ritxoko*. Há inúmeros outros tipos de artefatos como *iroduxumo*, *kawa kawa*, adornos corporais, objetos de cestaria e cerâmicas utilitárias. O Museu realiza pesquisa e trabalhos com a comunidade karajá desde o começo de sua atuação. Em 2010, como parte das atividades comemorativas dos seus 40 anos, foi organizado um evento denominado “*Museu Antropológico: 40 anos de interlocução e pesquisa com o povo Karajá*.” Foi produzido um DVD narrando a história do Museu com os Karajá, vários exemplares foram entregues

⁷ Fonte: <https://www.museu.ufg.br/p/1333-historia>

solenemente às lideranças e ceramistas das aldeias Santa Isabel do Morro (Ilha do Bananal - TO) e Buridina (Aruanã - GO), convidadas para o evento.

A iniciativa de elaboração deste material surgiu das próprias solicitações feitas pelos Karajá de acessarem imagens antigas de familiares, registros realizados por pesquisadores do Museu, nas pesquisas etnográficas. O DVD reuniu então um conjunto de fotografias selecionadas em sua maioria de trabalhos realizados por Edna Luisa Taveira de Melo (entre 1970 e 1990) e Rosani Moreira Leitão (1996 e 1997), além de imagens mais recentes ligadas a oficinas, seminários, exposições e outras atividades no Museu Antropológico.

A aproximação da instituição com os indígenas Karajá também decorre de pesquisas em áreas como a etnolinguística, chegando aos recentes trabalhos para o registro da boneca como patrimônio imaterial brasileiro, e prossegue e com as ações de salvaguarda das bonecas de cerâmica karajá, que consistem em ações de valorização das pessoas, estímulo à produção e reprodução do bem por meio da proteção, preservação e divulgação. Neste caso, as ações de salvaguarda incluem oficinas, intercâmbio entre aldeias, e publicações bilíngues para fortalecimento da língua karajá, o Inyribè⁸.

No decorrer de seus quase 50 anos de existência o Museu Antropológico recebeu diversos conjuntos de bonecas karajá, desde os primeiros formados por pesquisadores como Acary de Passos Oliveira, até a doação feita no âmbito do projeto *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia* em 2011, atualmente em fase de processamento para ingresso na Reserva Técnica Etnográfica.

Inicialmente tínhamos conhecimento destes dois conjuntos de *ritxoko* no acervo e de um formado pela professora Edna Taveira nas décadas de 1980 e 1990, além de uma doação sua recente ao Museu ainda em fase de incorporação. Decidimos priorizar a coleção formada por ela por poder contar com a professora como informante da pesquisa e, em 13 de fevereiro de 2017, realizamos uma visita em sua residência, juntamente com Milena de Souza,

⁸https://www.museu.ufg.br/up/121/o/Bonecas_Karaj%C3%A1_-_salvaguarda_-_texto_de_divulga%C3%A7%C3%A3o_05-01.pdf?1453228414

assistente de pesquisa do projeto. Na ocasião, pudemos saber sobre as missões de pesquisa e coleta de acervo, bem como de sua intenção de realizar uma nova doação ao Museu incluindo fotografias da missão a Santa Isabel.

Nessa reunião, a professora rememorou aspectos de sua gestão no museu (1983-1993 e 1995-1997), fazendo referência ao trabalho massivo de catalogação do acervo realizado em 1983 para adaptar o sistema documental ao padrão de numeração trazido pelo museólogo Aécio de Oliveira⁹, da Fundação Joaquim Nabuco. Este ano é uma data reconhecida pelas equipes do museu como o de maior entrada de acervos, quando mesmo peças já depositadas anteriormente na instituição tiveram o ingresso formalizado, justificando uma enorme superioridade numérica em relação aos outros anos. Edna Taveira também fez um relato sobre os trabalhos de campo em que as bonecas e outros artefatos indígenas eram trocados por miçangas, barraca de lona (os indígenas costumavam solicitar barracas para duas pessoas, utilizadas para as atividades de pesca), mosquiteiro e leite em pó. Identificou como seus principais interlocutores Terraluna e Karirama, e como datas das missões, o ano de 1974, em que realizou pesquisa para seu mestrado, 1979/80 quando atuou como assistente de Heloísa Fenelon, e 1990, já como diretora do Museu.

A visita resultou também da descoberta de uma informação, até então desconhecida pela equipe, de que organizou pessoalmente um conjunto de peças para o Museu Pigorini de Pré-História e Etnografia, de Roma, por intermédio de um padre de Bologna cujo nome não lembrou, tendo inclusive elaborado e enviado junto um projeto expositivo para a coleção que, entretanto, não chegou a ser realizado.

Para priorizar a coleção da professora Edna Taveira no acervo do Museu Antropológico, em virtude da então ausência de uma base de dados informatizada, em que pudessemos fazer buscas rápidas, realizamos uma força-tarefa com quatro integrantes da

⁹ Foi então introduzida a numeração tripartida, a mais comum na documentação museológica, em que o ano de entrada é seguido por um número referente à coleção e por outro com a numeração da peça dentro da coleção, separados por pontos. Esta numeração permite facilmente a identificação do ano de entrada da peça no acervo, o que facilitou nossa pesquisa, mas como muitas peças ficam no museu anos sem que seja formalizado o ingresso no acervo, o ano às vezes não corresponde ao da coleta, mas da documentação.

equipe durante algumas semanas, consultando as pastas com fichas de catalogação do acervo, organizando uma planilha do projeto somente com bonecas de cerâmica karajá, por sua vez identificadas pelo número de inventário, ano, coleção/doador e se, segundo a ficha, trata-se de cerâmica zoomorfa ou antropomorfa. Decidimos listar todas, não somente as antropomorfas, pensando em ajudar o museu com a entrega da lista, para futuras pesquisas, mas também descobrimos ter sido muito útil porque as fichas usadas na instituição são muito sumárias e a descrição às vezes não permitiria saber se eram zoomorfas ou antropomorfas, ficando as dúvidas assinaladas para quando do contato direto com as peças. Assim, evitamos deixar de lado, no momento de acesso à reserva técnica, algumas peças antropomorfas que poderiam estar erroneamente associadas a figuras de animais. Todas as peças que incluem figuras humanas nos interessam, e algumas delas possuem representação de pessoas juntamente com animais.

Chegamos a uma listagem de 970 bonecas em cerâmica de origem karajá, número superior ao inicialmente indicado pelo Museu. Por sua vez, esse número está em franco crescimento, pois a equipe da instituição está realizando um imenso trabalho de checagem e reorganização, que já localizou alguns conjuntos de artefatos não documentados e aos poucos, após aprovação pela Comissão de Acervo, na medida das possibilidades e força de trabalho disponível, vai dando entrada, com a incorporação das peças ao sistema documental. A presença de duas integrantes desta pesquisa na Comissão de Acervo do Museu¹⁰ permite uma atualização constante. Na reunião de 31 de julho de 2017 a Comissão de Acervo aprovou a incorporação de mais 19 diversos artefatos karajá (dos quais 10 são *ritxoko*) doados pela professora Edna juntamente com 64 já incorporados em 2016.

Na elaboração da lista que permitiria quantificar nosso universo de pesquisa no Museu Antropológico da UFG e chegar às bonecas, priorizando uma coleção específica (daí a listagem incluir este dado, mesmo tendo informação de que só haveria duas coleções, Acary

¹⁰ Ana Santoro, como responsável pela Coordenação de Museologia do Museu, e Manuelina Duarte, como Coordenadora de Integração entre o Curso de Museologia e o Museu Antropológico, funções que possuem assentos na Comissão e também no Conselho do Museu.

de Passos e Edna Luísa de Melo Taveira), fomos surpreendidas pelo registro de diversas outras coleções, associadas a nomes de indígenas como Kutaria Karajá, Marwel Tuilá Karajá, Ijesebery Karajá, Daniel Coxini Karajá, Kueredji Karajá e Lenimar Silva da Cruz Werreria, associados a dezenas de números de inventário. Estes nomes não são mencionados comumente quando se fala dos responsáveis pelo ingresso de bonecas karajá no acervo do Museu Antropológico e cabe investigar qual o seu papel e o que diferenciou no processo de entrada, os conjuntos identificados como Acary Passos e Edna Taveira, e os registrados desta forma, referentes a anos da gestão da professora Edna. Diante disso, uma nova entrevista com a nossa informante seria necessária¹¹.

Mas além desta primeira camada de invisibilidade dos indígenas nos discursos, encontramos uma segunda. Em um primeiro momento identificamos a maior parte destes nomes como sendo do gênero masculino, o que corroboraria o que se sabe sobre as relações entre as populações karajá e a sociedade envolvente, sempre mediada pelos homens, que assumem papel de liderança e em geral resistem menos ao uso do português. As marcadas diferenças entre o gênero masculino e o feminino na cultura karajá já foram estudadas e referenciadas por diversos autores (LIMA FILHO, 1994; RESENDE, 2014; ANDRADE, 2016), sempre indicando a diferença nas funções¹² e a própria expressão na língua *Iny* como marcador da diferença de gênero, pois há um modo de falar das mulheres e um dos homens, sendo o delas mais complexo e composto por mais elementos. Vários pesquisadores ressaltam o papel das mulheres, sempre consultadas nas decisões do grupo familiar e do marido, inclusive quando ele é uma liderança.

¹¹ Infelizmente esta continuidade do diálogo com a professora foi abruptamente interrompido entre o envio da 1ª versão deste artigo e esta revisão, com o falecimento de Edna Taveira logo após a Primavera nos Museus, quando era esperada no Museu Antropológico para atividade ligada a reconhecimento de acervos e de documentos antigos da instituição e já não pode comparecer em razão de agravamento dos problemas de saúde.

¹² “(...) os homens cuidam da pesca, das roças, das construções das casas, assumindo também os papéis de condutores das atividades rituais e festivas, de liderança, de representação política e de articulação com a sociedade abrangente. As mulheres cuidam dos afazeres domésticos, dos filhos, da colheita, da pintura corporal. Confeccionam enfeites rituais, artesanais. São responsáveis pelo preparo do alimento nos períodos festivos e pela manutenção da memória afetiva de seu povo, expressa nos choros rituais.” (RESENDE, 2014, p. 23)



3º sebra mus

No caso específico do conjunto artefactual que nos interessa nesta pesquisa, todo o protagonismo é feminino, pois são as ceramistas que produzem as *ritxoko*, da coleta do barro à modelagem, queima e pintura (WHAN, 2010; FARIAS, 2014, entre outros) e que também comercializam as bonecas¹³. Entretanto, aparentemente, na patrimonialização/musealização, além do protagonismo ser dado a pesquisadores, quando os nomes indígenas aparecem, são dos homens que possivelmente intermediaram a formação da coleção, e não das ceramistas, autoras. Esta seria a segunda camada de invisibilização no museu: das mulheres indígenas envolvidas na formação das coleções. Encontrar entre aqueles nomes na documentação museológica o de Lenimar Silva da Cruz Werreria, abre um novo campo de possibilidades de investigação.

Considerações finais

Esta pesquisa, com vigência prevista para até 2020, indica que cada museu identificado vai abrir um grande leque de possibilidades e desdobramentos. De uma forma ampla, pretendemos realizar um estudo exploratório e um mapeamento. Cada conjunto de peças indica novas veredas e as biografias dos conjuntos de *ritxoko* nas diferentes instituições são infinitas, especialmente porque não pensamos de uma maneira estanque até o momento da entrada no museu, mas nos diferentes processos de apropriação, valorização, secundarização, esquecimento, retomada, ressignificação, uma dinâmica constante. Apresentamos aqui os primeiros resultados com ênfase nas coleções de bonecas karajá do Museu Antropológico da UFG, conjunto composto, até o momento, por 970 peças.

Com a elaboração da lista, distinguindo entre elas as zoomorfas e as antropomorfas, e com o imprescindível apoio da equipe do Museu, partimos para as fichas de localização para separar as peças *ritxoko*, priorizando as coleções da professora Edna Taveira,

¹³ A estudante de Museologia da UFG Milena de Souza, assistente de pesquisa deste projeto, tem dedicado especial atenção às questões de gênero no âmbito da pesquisa, ressaltando também o protagonismo feminino na própria equipe, que conta majoritariamente com mulheres, o que se percebe ainda em outras pesquisas e na equipe ligada ao registro das bonecas como bem cultural imaterial e às ações de salvaguarda que se desenvolvem neste momento.

para a realização de algumas fotografias que servirão ao projeto, mas também ao Museu, que não as possui e poderá recebê-las como doação¹⁴. Estão sendo realizadas fotos frontais e posteriores, peça por peça, em um pequeno estúdio fotográfico montando dentro da própria reserva técnica, com apoio de um fotógrafo profissional voluntário, Markus Garscha.

Cabe ressaltar que mesmo em museus estrangeiros, como é o caso do Museu do Quai Branly, as fotos são somente frontais, não permitindo visualizar a peça tridimensional por inteiro. As fotografias, feitas com fundo infinito e qualidade para ampliação e impressão, são importantes para o museu e para etapas posteriores do nosso trabalho, visando à ampla divulgação e à promoção das coleções¹⁵.

A Recomendação para a Proteção e Promoção de Museus e Coleções sua Diversidade e seu Papel na Sociedade (UNESCO, 2015) parte do entendimento de que “A proteção e a promoção da diversidade cultural e natural são desafios centrais do século XXI. Nesse sentido, museus e coleções constituem meios primários pelos quais testemunhos tangíveis e intangíveis da natureza e da cultura humanas são salvaguardados.” Consideramos que contribuir para a proteção e promoção de coleções de bonecas karajá em museus no Brasil e no mundo é uma forma de valorizar a diversidade cultural e especialmente as comunidades detentoras destes rico patrimônio imaterial. Assim, traçaremos conexões entre processos distintos de patrimonialização das bonecas karajá, seja a musealização dos objetos materiais (e em que medida houve ou há interesse de vincular isto com aspectos intangíveis da cultura

¹⁴ Como já registrado, o Museu Antropológico da UFG não contava, até o primeiro semestre de 2017, com um banco de dados informatizado que permitisse uma busca simples por palavras-chave, e a busca das *ritxoko* em seu acervo precisou ser feita ao longo de algumas semanas de trabalho consultando a documentação física do museu e criando nossa própria lista por número de inventário. Ao longo do ano a Coordenação de Museologia da instituição criou uma planilha digital que está sendo alimentada com o precioso auxílio de inúmeros estagiários do Curso de Museologia, e em breve será possível realizar esta busca que nos tomou algumas semanas em poucos minutos, por meio dos recursos da informática.

¹⁵ Na medida em que o projeto avança, descobrimos que vários museus brasileiros e estrangeiros possuem inclusive toda coleção de *ritxoko* disponível em bases de dados *online* e as instituições que não têm *online* estão, em geral, nos enviando a documentação museológica, inclusive fotografias, de uma maneira muito generosa e aberta com o projeto. O Museu Antropológico da UFG, além de possuir uma das maiores coleções, é das poucas instituições que ainda não havia passado por registro fotográfico sequer parcial. O trabalho de fotografias permite que a divulgação do projeto ocorra concomitantemente à promoção deste Museu, pois, ao contrário, se basearia somente da difusão de imagens provenientes de outros acervos.



3º sebra mus

karajá que elas representam), seja o que ocorreu para registro do bem como patrimônio imaterial brasileiro. Podemos futuramente investigar como as coleções musealizadas no Brasil e no exterior se prestam a uma potencialização das medidas de valorização da cultura viva e das populações karajá, assim como supõem o registro e suas ações de salvaguarda.

Em relação aos objetivos do projeto “Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais” que dizem respeito à circulação das *ritxoko* da aldeia aos museus, chegando a reflexões sobre os trânsitos coloniais experimentados por esses objetos, é necessário pensar que

“A globalização permitiu a maior mobilidade de coleções, profissionais, visitantes e ideias, com resultados que trouxeram impactos tanto positivos quanto negativos para os museus, refletidos em maiores acessibilidade e homogeneização. Os Estados-membros devem promover a salvaguarda da diversidade e da identidade que caracterizam os museus e as coleções, sem reduzir o papel dos museus no mundo globalizado.” (UNESCO, 2015)

Finalmente, a Recomendação aborda o patrimônio cultural de povos indígenas estimulando que

“Nos casos em que o patrimônio cultural de povos indígenas esteja representado em coleções de museus, os Estados-membros devem tomar as medidas apropriadas para encorajar e facilitar o diálogo e o estabelecimento de relações construtivas entre esses museus e os povos indígenas com respeito à gestão dessas coleções e, onde for apropriado, ao retorno ou à restituição de acordo com as leis e as políticas aplicáveis.” (idem)

Nosso projeto, com uma grande maioria de integrantes que nunca trabalharam antes diretamente com povos indígenas, está sendo bastante cauteloso em partir de estudos da bibliografia e das coleções e fazer esta aproximação paulatinamente, mediada pela professora Nei Clara de Lima, especialista em cultura material karajá e em contato com os grupos há muitos anos, notadamente no âmbito do processo que levou ao registro das bonecas como

patrimônio imaterial brasileiro e nas ações de salvaguarda. Mas já recebemos o aceite de uma jovem ceramista, Dibexia Karajá, em participar da equipe e nos auxiliar neste estabelecimento de relações com seu grupo para perceber, entre outras coisas, suas demandas em relação ao patrimônio karajá musealizado.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Rafael Santana Gonçalves de. **Os Huumari, o Obi e o Hyri**: a circulação dos entes no cosmo Karajá. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais, UFG, 2016. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

CAMPOS, Sandra Maria Christiani de la Torre Lacerda. **Bonecas Karajá**: modelando inovações, transmitindo tradições. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais - Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado)

DORTA, Sonia. “Coleções etnográficas: 1650-1955”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. p. 501-528.

FARIAS, Joana Silva de Araújo. **Modelando parentes**: sobre a rede de relações das ritxo(k)o entre os Karajá. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014 (Dissertação de mestrado em Antropologia Social).

L’ESTOILE, Benoît. “Do Museu do Homem ao Quai Branly: as transformações dos museus dos outros na França”. In: Duarte Cândido, Manuelina Maria e Ruoso, Carolina (orgs.). **Museus e patrimônio**: experiências e devires. Recife: Editora Massangana, 2015. p. 103-120.

LIMA, Nei Clara de et al. **Bonecas Karajá**: arte, memória e identidade indígena no Araguaia. Dossiê Descritivo do modo de fazer *ritxoko*. Goiânia: Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás, IPHAN. 2011.

LIMA FILHO, Manuel F.. “O Fluxo das coisas Karajá e a coleção William Lipkind do Museu Nacional: a construção de um diálogo intercultural”. In: Manuel Ferreira Lima Filho; Regina Abreu; Renato Athias. (Org.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. 1ed. Recife - Brasília: Editora da UFPE - ABA publicações, 2016, v. , p. 171-188.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Hetohoky**: um rito Karajá. Goiânia: Editora UCG, 1994.

LIMA FILHO, Manuel F.; SILVA, T. C.. “A Arte de saber fazer grafismos nas bonecas karajá”. In: **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 18, p. 45-74, 2012.

LIMA, Nei Clara de; LEITÃO, Rosani Moreira. **Bonecas Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil:** da pesquisa à salvaguarda. Paper disponível online em <https://ndh.ufg.br/up/322/o/Artigo5.pdf?1453825313>, acesso em 08 de outubro de 2016.

LIMA FILHO, Manuel F.; CAMARGO, Telma Ferreira. Bonecas Karajá. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 45-74, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Hacia una antropología del indigenismo:** estudios críticos sobre los procesos de dominación y las perspectivas actuales de los indígenas en Brasil (org.). Rio de Janeiro / Lima: Contracapa / Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica. 2006.

RESENDE, Michelle Nogueira de. As ceramistas Karajá e o processo de registro de suas bonecas de cerâmica como patrimônio cultural do Brasil. Goiânia: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás, 2014. (Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos)

RIBEIRO, Berta G. “Museu e Memória. Reflexões sobre o colecionamento”. In: **Ciências em Museus 1** (2), Pág. 120, 1989.

SILVA, Telma Camargo. **Modos de fazer Boneca Karajá, circulação de conhecimento e a construção do território.** Paper disponível online em <http://nepi.ufsc.br/files/2013/11/Paper-Telma-Camargo-da-Silva-NEPI1.pdf> acesso em 7 de outubro de 2016.

SILVEIRA, F. L. A.; LIMA FILHO, Manuel F.. “Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma das coisas" e a coisificação dos objetos.” In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, p. 37-50, 2005.

THOMPSON, Analúcia. **A Coleção Natterer:** objetos indígenas brasileiros. Lisboa: ULHT, 2012. (Tese de doutorado em Museologia)

UNESCO. **Recomendação para a Proteção e Promoção de Museus e Coleções sua Diversidade e seu Papel na Sociedade.** Paris: UNESCO, 2015. Disponível online em <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002471/247152por.pdf> acesso em 29 de julho de 2017.

WHAN, Chang. Ritxoko. **A voz visual das ceramistas Karajá.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Belas Artes, 2010. (Tese de Doutorado)

Documentos não publicados



3^o
sebra
MUS

LIMA, Nei Clara de; DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Projeto de pesquisa Presença Karajá:** cultura material, tramas e trânsitos coloniais. Goiânia: Museu Antropológico da UFG, 2016. 10 páginas. (Manuscrito não publicado)

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Relatório de atividades Pós-Doutorado.** Goiânia, 2015. (Manuscrito não publicado)